

Prontos para a guerra

DF - Cidade

Morador da Estrutural fabrica coquetéis molotov, esconde armas, estoca munição e mobiliza até crianças para a "luta"

ANA SÁ

Barricadas, bombas caseiras, munição e o instinto guerrilheiro de defesa do território. As famílias da invasão da Estrutural estão preparadas para enfrentar até mesmo uma guerra civil. O **Jornal de Brasília** flagrou ontem, após revelar que os moradores da invasão preparavam a resistência à remoção, a confecção de coquetéis molotov. Os invasores estão armazenando gasolina e armas. As mulheres saíram da retaguarda e se preparam para enfrentar o efetivo policial. A comunidade não espera mais uma operação pacífica.

A confirmação da remoção, anunciada no último domingo pela vice-governadora, Arlete Sampaio, quebrou a rotina das famílias na invasão. Ontem, a maioria dos adultos não foi trabalhar para proteger o barraco e a família. Os moradores formaram grupos em frente aos lotes e à sede da Associação dos Moradores, onde a presidente da entidade, Marlene Mendes, continua recebendo a contribuição dos associados, no valor de R\$ 5. O dinheiro é para a construção de uma escola na invasão. **Sangue** - "Estamos preparados para enfrentar o Governo". Essa é a palavra de ordem na invasão. Marlene confirma o clima de tensão e revela que não tem condições para impedir um possível confronto. "Estou pedindo calma aos moradores, mas a revolta é muito grande. São pessoas altamente estressadas por mais de um ano de luta e violência policial". Diz esperar que o GDF não use a força policial para viabilizar a remoção. "Do contrário, haverá derramamento de sangue". Revela a disposição de muita gente em sacrificar a própria vida por um lote.

O serralheiro V.S.V. que pediu para não ser identificado, acredita que 500 moradores estão escalados para a fabricação de bombas caseiras. Ele mesmo tem um rifle calibre 12 para impedir a remoção de seu barraco, onde vive com dois filhos (um deles, uma recém-nascida com apenas 15 dias de vida). O serralheiro advertiu que não estava na invasão por especulação. "Vivia de aluguel na Ceilândia (R\$ 250, sem incluir água e luz) e estou aqui para conseguir um lote". Explicou que a maioria dos moradores aceita uma outra área para morar, desde que seja localizada no Distrito Federal.

Morador enterra armas e munição

Pouco são os moradores que revelam a estratégia de luta contra a remoção, mas a maioria confirma que há armas de todos os tipos, bomba caseira e até gasolina estocada. O local onde está sendo guardada a munição não é revelado, mas a presidente da associação garante que tem morador enterrando armas no chão, para evitar uma possível apreensão. Nas três guaritas da Polícia, instaladas na entradas e saídas da invasão, o clima é de tranquilidade e não foi registrado nenhuma anormalidade. O cabo Carlos Moreira acredita que a gasolina é trazida nos tanques dos carros, esvaziados quando chegam nos barracos.

Se depender do coordenador do Siv-solo, coronel Paulo César, quem estiver com armas na invasão da estrutural será preso. "Se detectar alguém com armas de fogo ou qualquer tipo de armamento, vou passar este dado à Polícia Civil e a pessoa será automaticamente detida". Disse não ter conhecimento de uma resistência organizada pelas famílias invasoras. "Não queremos provocar nenhum tipo de violência, temos que desarmar os ânimos". Admite não ter nenhum esquema para um possível conflito armado.

Garante que o policiamento será suficiente para executar a remoção. A data definitiva não foi determinada. A equipe está aguardando as ordens do governador, revelou. Pela contagem do coronel, ainda estão na Estrutural 833 barracos e um total de quase quatro mil pessoas. "Ninguém iludiu ninguém. Desde o dia 15 de agosto eles estão sabendo que teriam de sair. Não estamos tirando nenhuma família de supetão", lembrou o coronel Paulo César. (F.S.)



Os adultos dedicam-se a preparar bombas caseiras e ao treinamento. Ex-garimpeiro revelou que 500 pessoas estão preparadas para a resistência, aprendendo táticas de luta

Garimpeiro reedita Davi e Golias

A proposta da remoção para o CAS não agrada e revolta os moradores. A dona de casa Maria Isabel pediu ao governador para fazer um teste. "Se ele colocar uma pessoa da família dele nesse local e gostar, então a gente aceita ir para o CAS", desafiou. Angélica Barroso mostrou que nenhum morador está na invasão, um lugar sem água e luz, para desafiar o GDF. "Estamos aqui para conseguir um lote, seja aqui ou em outra área". Já Raquel Almeida acha que se a invasão fosse de ricos já estaria regularizada, como vem acontecendo com os "grileiros dos condomínios irregulares".

Uma das preocupações das 1.416

famílias da invasão são as crianças. De acordo com o cadastro da Associação dos Moradores, existem 960 crianças de até cinco anos e duas mil com até 12 anos. Muitas delas estão traumatizadas com as sucessivas ameaças de remoção. A empregada doméstica Lindavalva Gomes, com quatro filhos com idade entre cinco a oito anos, revelou que está orientando os filhos para enfrentar qualquer situação. "Eles estão preparados até para pegar em armas, porque não vamos sair de dentro do nosso barraco na hora da remoção".

O ex-garimpeiro Rodrigo Carvalho, está ensinando aos vizinhos as táticas de luta que adquiriu quan-

do trabalhava em garimpos da Venezuela, Guiana Francesa e Guiana Inglesa. Estamos prontos para enfrentar qualquer luta". Revelou que existem prontas cerca de 300 fundas, a mesma arma com que David derrotou Golias. "A pedra usada nesta arma atinge uma pessoa a uma distância de 250 metros".

Marlene Mendes diz que o conflito, que já dura um ano, repercutiu de maneira traumática nas crianças. "Algumas não conseguem mais ver policiais e outras nem sequer aguentam ouvir o nome do coronel Paulo César", revelou, sem culpar o coordenador do Siv-solo. (A.S.)

Sheyla Leal



Crianças brincam alheias à mobilização. Mães disseram que filhos pegarão em armas na defesa do barraco

Renato Alves



CAS de Taguatinga não tem condições de abrigar invasores removidos, segundo a diretora Célvora Costa

CAS não comporta mais ninguém

O Centro de Atendimento Social (CAS) em Taguatinga não tem condições de abrigar as famílias da Estrutural. A afirmação é da própria diretora do local, Célvora Madelene da Costa. "Estamos em reforma e não podemos receber ninguém". O CAS tem hoje cerca de 350 pessoas alojadas e sua capacidade máxima é de 800 pessoas. São 14 blocos que servem como albergue, sendo que dez deles estão sendo reformados. "As obras fazem parte de nosso programa de trabalho e não estão sendo realizadas por causa do pessoal da Estrutural. Não estamos ampliando nada, mas apenas reestruturando".

Destaca que só poderia abrigar se abrissem novas vagas. A diretora anteci-

pa que a conclusão da obra vai demorar mais um mês. "O centro já existe há cinco anos e nunca foi reformado". As portas e instalações elétricas estão sendo trocadas porque, segundo Célvora, os albergues arrancaram tudo e também levaram beliches, redes e as tomeiras dos banheiros.

Para ficar no local é ter baixa renda e estar em Brasília de passagem. O prazo para ficar no CAS é de apenas 15 dias. A família de Cosme Alvelino Rodrigues, 40 anos, já está no albergue há quase um mês. "Vim parar em Brasília numa furada. Um caminhoneiro me disse que aqui era bom e que eu ia conseguir emprego", contou Cosme, pai de quatro filhos. (Fabiana Santos)

GDF não tem solução digna"

Fotos: Arquivo

O líder da oposição na Câmara Legislativa, deputado Luiz Estevão (PMDB), considera a ação prometida pelo GDF para retirar os invasores da Estrutural um ato de desrespeito aos direitos humanos e à cidadania. "O governo tem que oferecer um local de moradia e não apenas de alojamento. Desde julho, o GDF está com esta situação nas mãos e, até agora, não tem uma solução digna e decente".

"Só o que ouvi até agora como proposta foi a doação de R\$ 150 ou, caso contrário, ser levado à força para o CAS". Considera o centro um verdadeiro campo de concentração para refugiados. "As pessoas não são como gado para ficarem confinadas naquela área".

Estevão alerta sobre o perigo de um confronto iminente entre policiais



"Estevão: 'população não é gado'

e a população, com consequências imprevisíveis. "O GDF quer deflagrar uma guerrilha urbana e será responsável por tudo o que acontecer". (F.S.)

HISTÓRIA DA CRISE

- 16 de maio de 95 - O projeto do deputado José Edmar (PSDB) para a formação da Cidade Estrutural é aprovado, em primeiro turno, na Câmara Legislativa por 19 votos favoráveis.
- 2 de junho de 95 - Primeira investida do GDF para retirar os invasores. O local transforma-se numa verdadeira "praça de guerra". Quarenta policiais entram em choque com os moradores. Armada de paus e pedras a população resiste.
- 14 de junho de 95 - O projeto da cidade Estrutural é aprovado em segundo turno na Câmara Legislativa. Placar da votação: 13 votos a favor e 11 contra.
- 15 de junho de 95 - O governador Cristovam Buarque vota o projeto da Estrutural sob a alegação de que "foi um ato irresponsável dos parlamentares".
- 1º de julho de 95 - Os moradores da Estrutural invadem o plenário da Câmara Legislativa para pressionar os deputados a votarem contra o veto do governador.
- 15 de agosto de 95 - A Câmara Legislativa mantém o veto do governador à criação da Cidade Estrutural com 11 votos a favor, 11 votos contrários e duas abstenções.